



DIRECTOR  
AUGUSTO

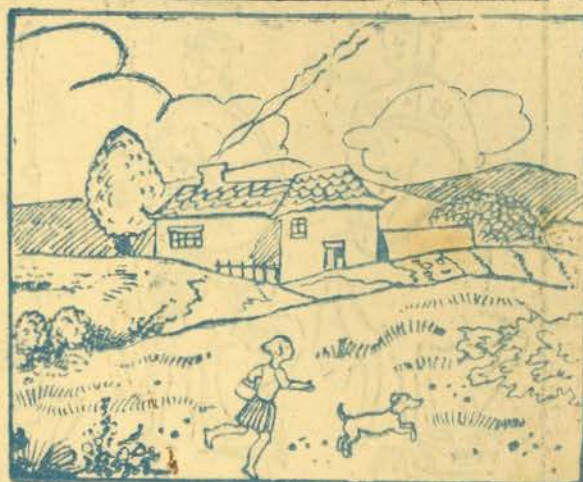
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O CASTIGO DE DUAS AMBICIOSAS

Por ANAO SABICHAO



Um dia, vieram ter comigo, duas rapariguinhas. Uma delas, muito bem posta, com casaquinho de boas peles, sapatos e luvas de camurça, rico cordão e brincos de pérolas.

A outra, pobremente vestida, com um fatinho de algodão, coçado, mas limpinho.

—Que me querem, as minhas meninas?— perguntei-lhes, com o meu melhor sorriso.

—Olhe, senhor anão,—disse, muito resoluto, a menina rica, que se chamava Guilhermina.

—Eu vinha pedir-lhe se me podia fazer igual à Firmina—e apontava para a companheira pobre.

—Essa agora!—exclamei espantado.—Não estás contente, assim, como estás? Parece-me que nada te falta!

—Falta-me a liberdade que a Firmina tem:

Ela sai a toda a hora, sobe às árvores e come a fruta ali mesmo, leva a vaca ao pasto, o cavalo á água, apanha erva para os coelhos, porque é filha dos meus caseiros e eu só estudo, fechada em casa. A mãzinha não me deixa andar ao laré, e o estudo é tão aborrecido!...

—Eu, então, gostava tanto de estudar!—exclamou a Firminia pöbrezinha, com ar invejoso.—E apanho tanto frio e não como petiscos! Deve ser bom provar as cousas boas que a cozinheira, aqui da menina Guilhermina, vai, todos os dias, comprar para os patrões!

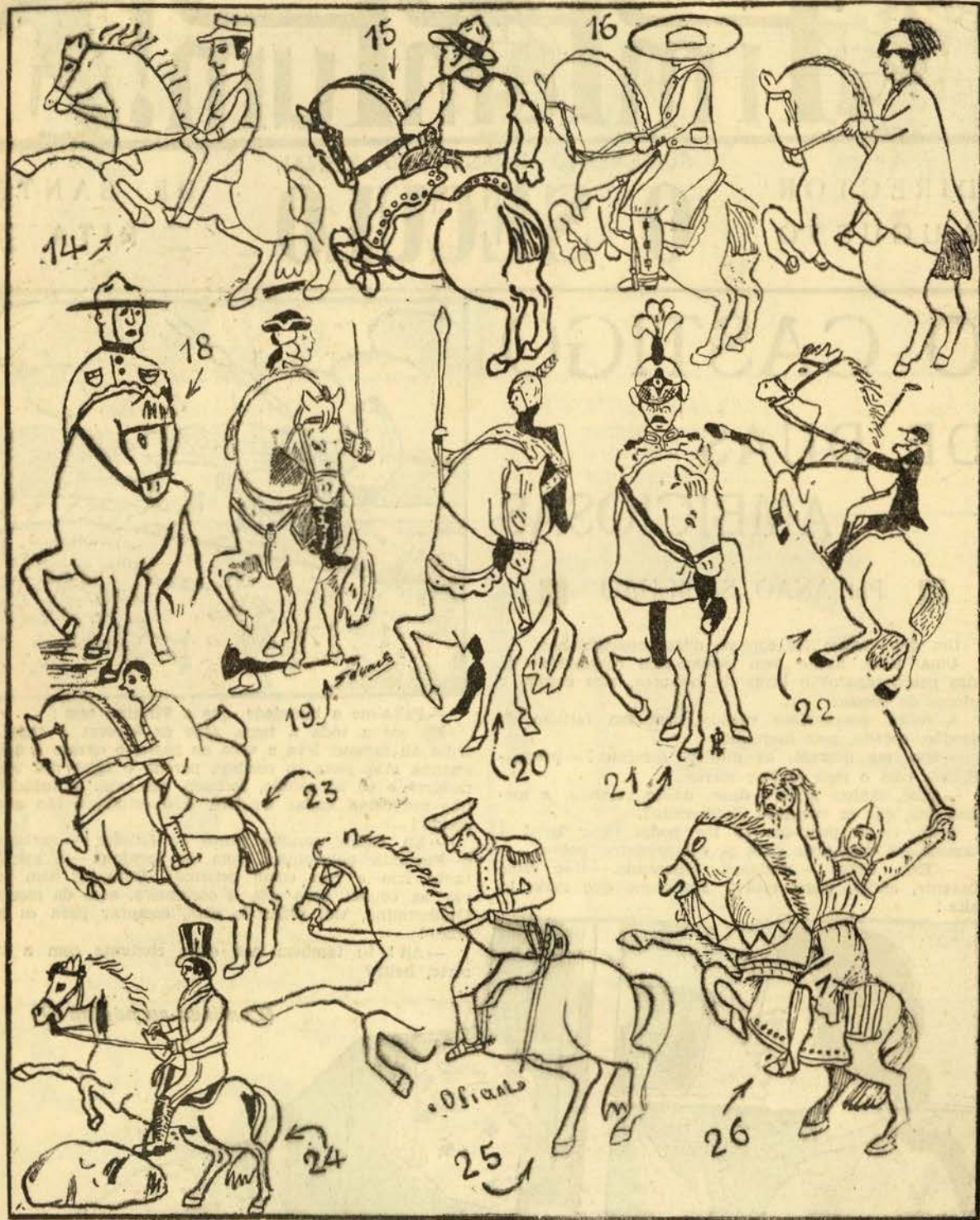
—Ah! tu também não estás contente com a tua sorte, hein?

(Continua na página 3)





# O NOSSO CONCURSO DE DESENHO



## AVISO AOS CONCORRENTES

NO PRÓXIMO NÚMERO ENCERRAREMOS ÊSTE CONCURSO, CONTINUANDO ATÉ LÁ A PUBLICAR AS PROVAS CLASSIFICADAS, DENTRE AS QUAIS SAIRÁ O PREMIADO

14 e 25 — Francisco Canhão. 15 — Simão Andrade. 16 — Fernando Correia. 17 — Alberto Lopes. 18 — Virgílio Alves. 19 — Eduardo Marques. 20 — Moria Irene Tomaz. — 21 — Orlando Guerreiro. — 22 — Celeste Ribeiro Varela. 24 — José da Costa Silveira. 25 — José Duarte Custódio. 26 — Maria Fernanda.





(Continuado da página 1)

— Se lhe parece, senhor anão! Estou mesmo farta de tanta pobreza! Quem me dêra poder experimentar ser rica! — disse a ambiciosa Firmina.

— Oh! éle é isso? — exclamei, com um ar reinado e um tanto rabino, na idéa de me divertir, á custa das cabecinhas loucas que só desejam aquilo que não têm! Diriji-me ás duas descontentes e disse-lhes:

— Não andem arrelhadas, aflitas e zangadas. Mudá-las-ei, de repente, a Guilhermina, em Firmina, a Firmina, em Guilhermina, Só as alminhas, porém não entrarão no val-vém! Assim mesmo aonde estão, Assim mesmo ficarão.—



Foi daí, que as duas rapariguinhas passaram a viver a vida, completamente diferente, que tanto haviam ambicionado.

Tonta de sono, a pequena enfiava, á pressa, a camisa de pano grosseiro, e o vestido de tecido ordinário e começava a sua faina.

Ia á fonte buscar água, ao campo apanhar erva, ao rio, ensaboar roupa, ao mato partir lenha.

Nunca imaginára o custo de tudo aquilo! Dobradinha como um vime, trazia os fardos ás costas, a pesada bilha á cabeça...

Não tinha forças para bater com a roupa que levava, para lavar, e a má ralhava-lhe, sempre:

— Mas que bicho te mordeu, rapariga? Antigamente fazias o serviço que era uma perfeição!

E agora não tens jeito para nada! — E logo a tornava a mandar para o rio, carregada outra vez, com a trouxa.

A pobre pequena chorava lágrimas amargas, por ter tido a maldita idéa de desejar vida tão tormentosa! Dormia mal, na cama dura, enjoava-a a comida, sofria muito frio, não se habituava aos modos grosseiros, da sua nova família, finalmente, sentia-se o mais infeliz possível, cheia de saudades, por tudo o que deixára!

Bem tratada, aconchegada, comendo em rica mesa, dormindo em boa cama, passando vida regalada, a pobre Firmina, transformada em rica Guilhermina, também não nadava em felicidade; como, certamente, os meus meninos julgavam.

Isso sim! Essa também dava ao demo a danada ambição que a fizera cobiciar semelhante vida!

Sempre fechada em casa, sofria de faltas de ar, achava as iguarias, que ali se comiam, temperadas demais, detestava a cama tão fôfa e estranhava os hábitos daquela gente que parecia pedir licença a um pé, para mexer o outro!

Depois, faltava-lhe a Malhadinha, a vaca leiteira que todos os dias ia mungir, mais os coelhos, a bicharia da capoeira, o porco do chiqueiro, o cão que sempre a acompanhava!...

Quem dêra poder voltar á antiga vida, apanhar frio, chuva e vento, mas viver entre gente da sua igualha, comer couves e brôa, amoras da silva e fruta meia verde!

Assim as duas raparigas, desoladas, cada vez se entendiam menos com as suas novas existências.

Este anão, como os amiguinhos todos sabem, não gosta de judiar demais e, ao vê-las tão tristes, uma noite, quando as duas dormiam, apareceu-lhes, em sonho, dizendo:

Já passaram tanto mal, nesse vai-vém, sem igual que aceitarão vossa sorte, toda a vida, até á morte, muito felizes, contentes, pois agora estão cientes, que é tolce rematada, meter-nos na embrulhada, de tanto ambicionar, fóra do nosso lugar.

De manhã, quando as duas rapariguinhas se levantaram, tinham voltado á sua antiga condição.

Não imaginam como a Guilhermina, daí por diante, estudou, com vontade, como achava a sua casa confortável, a cama esplêndida, como saboreava, deliciada, a compota de fruta!...

Finalmente, tudo o que antigamente a aborrecia fazia agora a sua felicidade!

Por seu lado, a Firmina compreendeu, também, que



# A UNIÃO FAZ A FORÇA

Por **MARIA DE ALEM-MAR**

Desenhos de **A. CASTAÑE**

*Remexendo nuns papeis velhos e sem data, que desconheço a quem tenham pertencido, reproduzo o que neles li e que é bem engraçado pela sua inverosimilhança.*

## DIARIO DA FLORESTA VIRGEM

JORNAL DE GRANDE TIRAGEM

Director: **MACACO GORILA** — Redactores: **PAPAGAIO DE PENNA VERDE** e **MELRO DE BICO AMARELO**

### UM CASO ESTRANHO DE RAPTO

**F**OI raptada a ama D. Formiga que, em passeio higiênico, conduzia ao colo uma interessante criança de três meses, filhinha do casal Girafa.

Os pais encontram-se consternadíssimos e gratificam quem indicar o paradeiro das desaparecidas.

A última hora — D. Girafa, senhora muito decidida, depois de uma terrível crise nervosa, quiz ir ela própria pela floresta á procura das raptadas, apenas acompanhada pelo seu pequeno e esperto escudeiro Mosquito. Saiu na madrugada de hoje num extravagante trém caixa de fósforos, puxado por linda parelha de abelhas. Dispensou a policia e leva consigo uma única arma de defesa — a sua comoção.

Para investigações, foram detidos os chefes-famílias srs. Lobo, Leão, Elefante, Rinoceronte e Raposo. Já caiu em várias contradições o sr. Raposo, o que deu motivo á captura de seu filho mais velho, gatuno de largo cadastro.

Bem sabemos que «Filho de peixe sabe nadar». E num outro número do mesmo jornal:

### O CASO DO RAPTO — DESVENDA-SE O MISTÉRIO

«Foi detida a esposa do sr. Raposo por querer atribuir a autoria do rapto ao nosso querido director. Claro que o nosso director provou imediatamente que estava inocente, refutando tão falsa declaração. Posta a ferros a sr. Raposa, confessou o crime, dizendo desconhecer qual a toca segura em que se encontram as prisioneiras.

A Raposa não é só manhosa mas invejosa também.

Por esse motivo e seguindo a pista que nos oferecem os factos, conseguimos a verdade. Ei-la:

Movemos a tal acto, o fim de obrigar Madame Girafa a confiar-lhes o segredo que lhe origina a beleza do pescoço. Qual a gymnástica, qual a massagem a empregar?

Decerto que D. Girafa, em troca do rebento do seu coração, diria o segredo.

Para quê tanto interesse? — Perguntou á Raposa o chefe da policia.

Era — (diz a Raposa) — que se tivéssemos a felicidade de possuir assim um pescoço tão comprido, ser-nos-ia facilimo chegar ás uvas das latadas que tanto desgosto nos causam lá no cimo.»

No diário seguinte:

«Acumulavam-se as horas e a ansia era enorme. A cada guizada que se ouvia ou outro qualquer ruído da cidade onde D. Girafa é muito estimada, surgiam cabeças ávidas de noticias; assim, ánciosa, apenas houve a certeza do carro ter chegado, aparece, como encantada, uma multidão de bichos.

Passadas horas o Mosquito foi interromper o descanso de D. Girafa: minha senhora, encontra-se na sala de espera o sr. Gorila, director do jornal, para cumprimentar vossa senhoria. Deseja, também, uma entrevista.

Percorri — (dizia D. Girafa momentos depois ao nosso prezado director) — alheia ao perigo que me podia advir, tódos os recantos da floresta.

Fui andando de toca em toca, lavada de amarguradas lágrimas. Supliquei, chorei, barafustei... Nada consegui.

Encontrei um porco fugitivo. Senhor, tenha dó de mim. Vós que dizem terdes o segredo da feitiçaria, dizei-me onde poderei encontrar a minha filhinha.

Respondeu-me zangado: eu?! Lá porque na idade média um desalmado se lembrou de queimar vivo um meu antepassado que diziam ser feitiçeiro, não quero isso dizer que exerçamos tódos o mesmo officio. De contrário a humanidade não nos engordaria para comér a nossa saborosa carne. Vou fugindo porque ouvi dizer que está próxima a matança e querem fazer de mim chouriços. Livra-te!...

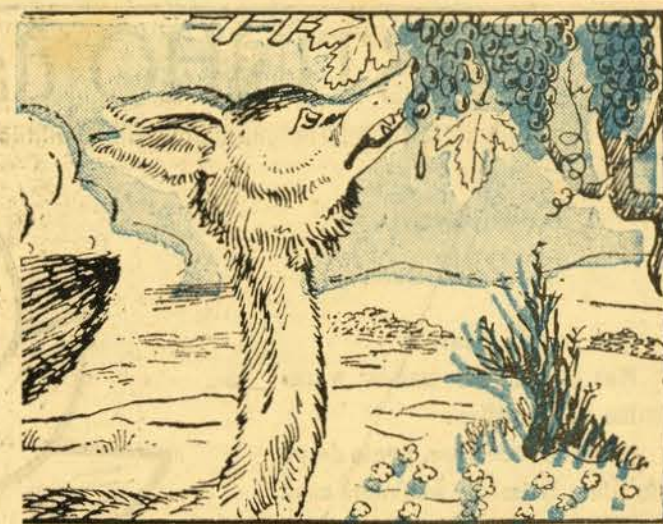
Quem vos poderá dar esclarecimentos seguros é o galo: esse canta á meia noite, a hora que os feitiçeiros escolhem para as suas artes mágicas. Segui este caminho e... Adeusinho!...

Bati á porta do galo: Senhor, vós que cantais a horas mortas, sabeis dizer-me se passou por aqui a D. Formiga com uma pequenina ao colo?

— Vi, vi. Ia aos empurrões duma raposa. Como essas malditas são muito manhosas introduzindo-se com arte em nossas casas para conseguirem os seus fins, vou vingar-me. Vinde comigo, Senhora.

Segui o galo e foi ele quem me indicou a casa dos Raposos. Fui recebida por um raposão já cansado em idade, sofrendo, a coxear, as dôres da gôta.

Se bem que fôsse muito gentil, li-lhe no olhar manhoso que escondia a verdade. Nisto oiço uma gritaria infernal e sem



bem saber o que fazia fuji a sete pés e escondi-me no meu carro, admirada de não ver ali o meu escudeiro nem a parelha de abelhas.

Instantes depois, abraçava, ora a minha filhinha ora o meu escudeiro, ora a ama e até as abelhas. Depois, mais calma, ouvi, do meu esperto Mosquito que tem lume no olho, o seguinte:

— Nós, minha senhora, como somos pequeninos, e temos asas, entravamos pelas janelas e percorríamos tódas as casas. Ao avistarmos D. Formiga chorosa, ali em casa da Raposa, passeando a menina Girafazinha, eu disse para as abelhas: — Céus! «Dêem mel pela barba» ao guarda. Ora o mel das ferroadas era tão doce que ele, coitado, dava pulos de corça, enraivecido com dôres. Ao velho Raposão nada fizemos porque bem lhe bastavam as dôres da gôta. E aqui têm como consegui reaver a minha filhinha, graças ao meu fiel escudeiro.

— Segundo se descobriu foi a inveja do vosso lindo pescoço que os obrigou a tão vil procedimento — disse o sr. Gorila.

— Porque temos um lindo pescoço? — Continua a D. Girafa — Contam os nossos antepassados, em pergaminhos existentes no nosso arquivo, que nas antigas famílias de raposa existia já grande inveja, por serem os meus parentes muito ricos, o que lhes permitia fazerem grandes esmolas.

(Continua na pagina 7)



# JOÃOZINHO E A ARITMÉTICA



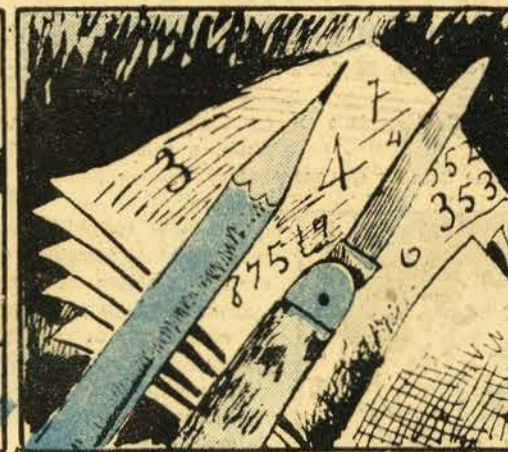
I — O pequenino João foi sempre uma negação para todos os problemas de aritméticos temas.



II — Após um problema expor, diz-lhe, um dia, o professor: — «Leva-o p'ra casa, João, e traze-me a solução.»



III — Joãozinho sai da escola, remoendo, em sua tóla, já na rua, inda no largo, o tão difícil encargo.



IV — Muito lápis e papel se gastou em casa dele, com esse quebra cabeças, às direitas e às avessas:



V — Porém, no dia seguinte, como não desse ao vinte, não achasse a solução, o Mestre diz ao João:

VI — «Tudo errado!» Volve, entanto, Joãozinho pouco esperto; — «O que me causava espanto é que ele estivesse certo!»



# O CESTINHO da COSTURA

POR ABELHA MESTRA

*Abelhinhas:*

Que grande girasol!

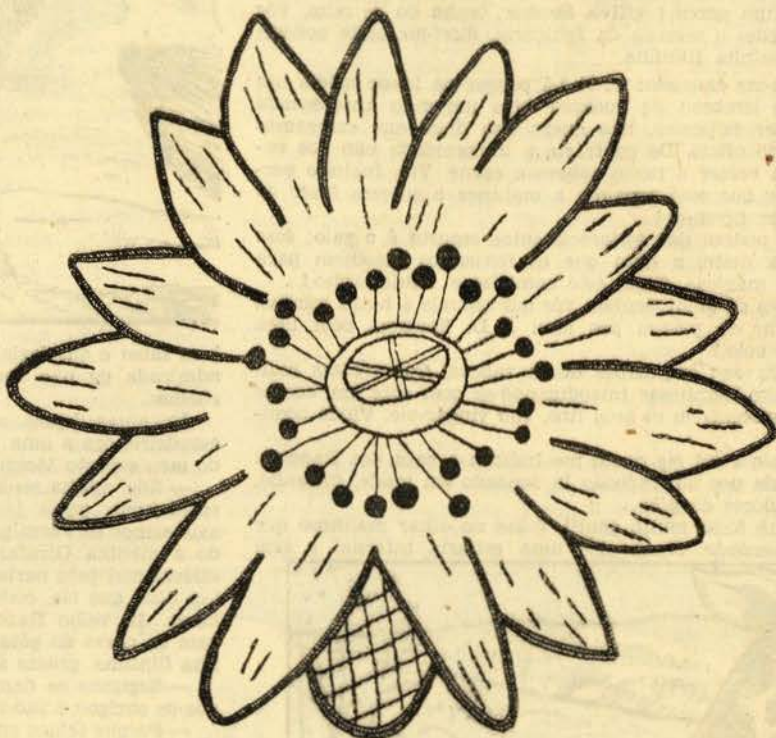
Mas é tentador fazê-lo; o trabalho não é difícil.

Bordado *rechelleu*, ponto de pé de flôr e bolinhas, nenhuma nova complicação acrescenta ao que já sabem fazer.

Vamos, pois, bordar o girasol, fazer com êle um lindo *napperon* em amarelo, com os estames castanhos escuros e veremos, depois, o belo efeito que êle vai fazer na mesinha do vosso quarto!

E digam, depois, se êle fica ou não bonito, à vossa amiguinha

*Abelha Mestra.*



# A PADEIRA DE ALJUBARROTA

Por DINAH FONTES MACHADO

PROVA DE CONCURSO, CLASSIFICADA NA SECÇÃO  
INFANTIL DA EMISSORA NACIONAL

Era uma vez uma mulher corajosa, padeira de seu ofício mas que sabia amar a sua Pátria.

Chamava-se Brites de Almeida e vivia em Aljubarrota.

Quando da grande batalha em que

os luzitanos derrotaram os espanhóis, a valente portuguesa fez trabalhar valorosamente a sua pá de padeira.

Tinham-se escondido no seu forno sete espanhóis foragidos, que não encontraram abrigo mais propício.

Armada da sua pá, Brites de Almeida espera que os castelhanos saíam do seu esconderijo e, como desapiedada caçadeira, descarrega sobre êles, pesadamente, a pá, matando-os, á medida que iam saindo.

Os portugueses venceram a batalha de Aljubarrota com forças muito inferiores ás do inimigo, mas a padeira daquela região, só á sua conta, exterminou sete ...

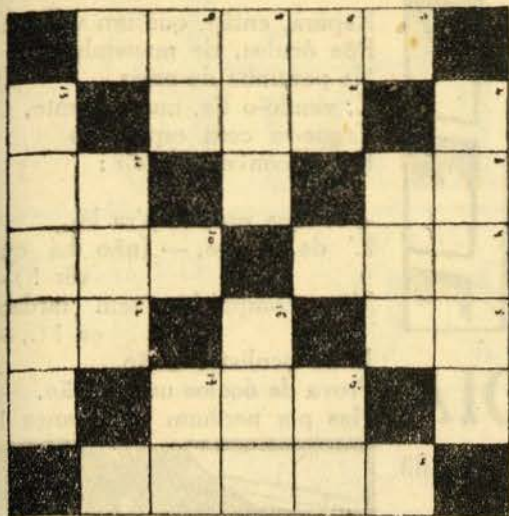




# PALAVRAS CRUZADAS

# A UNIÃO FAZ A FORÇA

(Conclusão da página 5)



Por uma vingança mesquinha, quiseram os míseros extinguir o nosso ramo de família, raptando todos os nossos pequeninos, para os atirar ao rio onde pereciam.

Não o quiz, porém, o Destino. No intuito de se salvar, um dos pequeninos tanto esticou o pescoçozinho que este lhe cresceu e valeu o salvamento. Ao pressentir, ali perto, a marcha dum regimento, gritou pedindo socorro. O regimento era um carreiro de formigas. Logo uma delas gritou:

— «A União... e as outras respondendo em côro... «Faz a Força... deram-se as mãos. Formaram, assim, uma ponte por onde os pequeninos foram salvos.

Depois a Natureza deu a todos, os da nossa família, um com-prido pescoço, como prémio de tanto sacrifício.

«Amparar os fracos» vem de longe e é o nosso lema, motivo porque abrigo em minha casa os seres pequeninos para que todos eles, reunidos, dêem auxílio aos mais fortes. Gritemos como as formigas:

— «A União Faz a Força.»

O nosso director despediu-se, por fim, encantado com o bom acolhimento e confundido com tanta amabilidade.»

Foi este o último jornal que li. Um dia, mais tarde, em que vi passar um batalhão de formigas em direcção a um grande castelo de marmelada, espireitei-as noite e dia sem as amedrontar na sua tarefa, para ver o castelo deitado abaixo.

Crescia o regimento por todos os lados e em mim crescia a ânsia até que, por fim, vi com alegria o castelo demolido e em seguida devorado.

Ficava suspenso sobre mim o brado — «A União Faz a Força».

Que haja união no vosso lar, nas vossas escolas, nos vossos corações pequeninos, para que deixe de existir, à superfície do globo terrestre, a discórdia, o ódio e a guerra.

**Verticais:** — 1 — Nação oriental. 7 — Tempo, fôlha. 3 — Atmosfera. 11 — Idem. 4 — Batráquio. 10 — Pronome. 5 — Tempo de verbo. 12 — Exclamação. 15 — Doce. 14 — Arabe, agarena.

**Horizontais:** — 2 — Nome de mulher. 6 — Consoante e vogal. 8 — Cólera. 9 — Preposição. 11 — Fila. 13 — Terra fina. 15 — Pedra de moinho. 16 — Pronome. 17 — Consoantes.

F I M

# O CASTIGO DE DUAS AMBICIOSAS

(Conclusão da página 3)

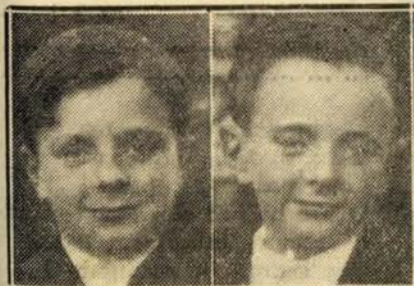
só podia viver contente no seu casebre, trabalhando no campo e lidando com os animais, como estava habituada.

Por isso, enquanto lidava, ia sempre cantarolando alegremente:

Ao bom Anão Sabichão  
devenos este alegrão!  
Eu voltei a ser pobrinha,  
e estou na minha casinha,

onde tenho muita lida,  
mas já não quero outro vida!  
E a menina Guilhermina,  
essa, também, já se fina,  
por estar em casa fechada,  
sem apanhar a geada,  
estudando a sua lição,  
como tem obrigação.  
Agora nós já sabemos,  
como é parva tentação,  
querer mudar de condição!

## SECÇÃO CULTURAL INFANTIL DA EMISSORA NACIONAL CLASSIFICADOS EM CONCURSO



Francisco António Quinhones Godinho e seu irmão



Ana Maria Lino Ferreira



Zézinha Calazans



Alvaro Palmela Ferreira da Cunha





Viu-se muito atrapalhado,  
Sem achar meio, coitado,  
Duma letra, sequer, lêr !

Repara, então, que um velhinho  
Põe óculos, de mansinho,  
Na pontinha do nariz ...  
E, vendo-o lêr, muito atento,  
Ergue-se com espavento  
E mui convencido diz :

— O que preciso p'ra lêr,  
E' de óculos, — (não há que  
vêr ! ) —  
Vou comprá-los sem tardan-  
ça ! ... —

Já no oculista, então,  
Prova de óculos um milhão,  
Mas por nenhum lêr alcança !

# ESPERTEZA SALOIA

— POR ARGENTINITA —  
DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

A avó dum tal Zé do Nabo, Mas eis que, parando, exclama :  
Deixou êste mundo, ao cabo — «Olha, ali, um mestre-es-  
De longa vida e canseras; cama  
E ao neto que a pranteou,  
Farta massa lhe deixou  
Nas profundas algibeiras.

E, por sinal, bem liró ! ...  
Para janota ficar,  
Vou as barbichas rapar,  
Corto o bigode á Charlot ! ...» —

Pôs-se o Nabo a matutar,  
Em que havia de empregar,  
Tôda aquela «dinheirama».  
Nisto, desfranzindo a testa,  
Dá um pulo em ar de festa  
E, muito contente, exclama :

Logo, com certa altivez,  
Entrou no barbeiro, e fez  
Uma mesura galante !  
Sentou-se, então, prá tosquia,  
Enquanto, o «Século» via,  
Com modo, altivo, arrogante !

— Compro uma junta de bois,  
Charrua e terras, depois,  
Como em dia de arraial,  
Visto as pantalonas triques,  
A jaqueta de arrebigues,  
E vou para a Capital !» —

Mas, por mais voltas que dêsse  
Ao jornal e que fizesse  
Tudo para o entender,



Abespinhado, o caixeiro  
Diz-lhe assim : — «O cavalheiro  
Não sabe lêr, me parece ! ...  
— Eh, seu burro ! (Diz Zé Nabo)  
Diga lá p'ra que Diabo  
Queriu eu óculos, se soubes-  
se ! ? ! ... —

Fez Zé Nabo o que pensou ;  
E um certo dia embarcou  
Para a tão linda Lisboa.  
Mas, ao chegar — (que canu-  
do ! ...), —  
Pelas ruas, abelhudo,  
Deu mil vóltinhas à tóa ! ...



Pois lhe era desconhecido  
Quanto via, e, aturdido,  
Já dizia mal à vida,  
Lamentando, coitadinho,  
Ter deixado o seu cantinho,  
A sua aldeia tão querida ! ...

O que acabo de contar,  
Vem, apenas, reforçar  
Esta verdade tão pura :  
Quem não se eleva p'lo estudo,  
E' sempre infeliz em tudo,  
Faz sempre triste figura ! ...

■ F I M ■